



INTERICONICIDADE:

os discursos que emergem da seriação de charges políticas¹

Antonia Edna Monteiro²

José Ribamar Alves Mota³

Valdirene de Lima Ferreira⁴

Raimundo de Araújo Tocantins⁵

Resumo

Nessa presente pesquisa, abordamos a construção das práticas discursivas, a partir do fenômeno da intericonicidade (formulado por Courtine), no gênero textual charge. Para tal, foram selecionadas produções que circulam na internet e de conteúdo político. Nosso objetivo geral foi investigar, com o auxílio teórico da Análise do Discurso de linha francesa, pautada por Michel Foucault, a construção dos sentidos e os discursos que emergem quando se coloca em comparação imagens semelhantes. O presente texto ainda traz uma abordagem acerca da memória discursiva, para o estabelecimento do discurso que diz ser novo. Nesse sentido, são vistos como os discursos atravessam as materialidades selecionadas e reaparecem na atualidade.

Palavras-chave: *Intericonicidade; Charge; Memória; Análise do discurso.*

¹ Este artigo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado às Faculdades Integradas Ipiranga, em 2015.

² Graduada em Letras, pelas Faculdades Integradas Ipiranga. Belém/PA, Brasil. E-mail: ntoniaedna_2011@hotmail.com

³ Pós-graduando em Ensino de Línguas e Literatura, pelas Faculdades Integradas Ipiranga. Belém/PA, Brasil. E-mail: ribamar2@live.com

⁴ Pós-graduanda em Ensino de Línguas e Literatura, pelas Faculdades Integradas Ipiranga. Belém/PA, Brasil. E-mail: valdirenebandeira@ymail.com

⁵ Doutorando em Letras, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém/PA, Brasil. E-mail: raimundotocantins@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O sentido que está inscrito na epígrafe que abre a presente pesquisa faz referência à importância que o sujeito tem na construção e reconstrução da história (obra). Portanto, pegamos a própria história como sendo o carro-chefe para a construção e formação dos discursos. E é a partir desse viés que procuramos investigar a construção dos sentidos que o gênero textual charge carrega pela perspectiva da análise do discurso e pelo fenômeno da intericonicidade.

Dessa forma, mostraremos como os sentidos são construídos por meio da charge e, para isso, compreendemos a interpretação como algo relacionado e determinado pela posição tanto daqueles que emitem, quanto pela posição daqueles que leem o discurso. A fim de interpretar, vamos remeter nosso objeto (charge) à sua historicidade e perceber o modo como os sentidos, nesse objeto, a partir da seriação de imagens semelhantes, funcionam e são constituídos.

As práticas de leitura nos dias atuais precisam ir muito além do simples fato de ler, pois, ler é interpretar e, para isso, é preciso olhar para frente e para trás, ou seja, para que se leia é preciso considerar a historicidade. Nesse âmbito, “para dar conta da leitura, desse ‘ler bem’, precisamos, ter olhos sutis, deixar portas abertas, aprofundar as questões e explorar o texto apoiados na teoria” (ORLANDI, 2012. P.20). E com essa visão, lançamos olhar para a charge, com o propósito de compreender sua profundidade e buscar meios de entender que sentidos são construídos e de que forma esses sentidos repercutem na atualidade, a partir de gestos de interpretação comparativa.

E para isso, a análise de discurso e a semiologia histórica não poderiam ficar de fora da pesquisa, pois essas teorias atentam para produções que podem se relacionar com outras. Para Gregolin (2007), o efeito de coerência em um texto dá-se por agenciamentos discursivos que fazem tais textos se cruzarem. Seria uma materialidade repetível. A autora ainda afirma que a rememoração e o esquecimento produzem efeitos de atualidades, pois muitas figuras são postas em discussão com temas que ligam a história e o contemporâneo.

Em relação ao gênero textual charge, Flores (2002) afirma que esse texto pode ser publicado em jornais, revistas e/ou sites da internet. Esse gênero é marcado tanto pelo verbal, quanto pelo imagético. O não verbal mostra os pormenores caracterizados de personagens, situações, ambientes, objetos, que são apresentados de diversas formas. O verbal, marcado pelos comentários, relaciona-se à situação representada, aparecendo por

escrito. É importante frisar que o verbal e o não verbal se completam de tal modo que acaba tornando-se difícil compreender o texto se um dos códigos for excluído, posto que um constitui-se como parte do processo de produção de sentidos do outro.

No espaço online, a capacidade e facilidade de construção de charges têm favorecido muitos veículos de comunicação a usufruírem desse tipo de texto para alcançar os leitores jovens, e assim, constroem discursos.

As charges convencionais têm por suporte o jornal. Tal fato determina, entre outras coisas, os possíveis leitores deste tipo de texto. Sua transposição para a Internet transforma o universo virtual de leitores, agregando-lhe novos elementos e excluindo outros. Inicialmente, a charge publicada em meio eletrônico parece aproximar-se mais do público adolescente e jovem, nem sempre leitores típicos das charges convencionais. (MAGALHÃES, 2006, p.17).

O autor acima nos deixa claro a importância da crescente visualização pelo público jovem de charges que circulam no meio eletrônico. Mas deve-se atentar às condições de produção desse gênero textual no ambiente online. Um texto como a charge carrega diversos discursos em seu contexto. E foi percebendo a existência desses discursos, que lançamos olhares para a charge, não como um mero texto humorístico, mas como uma produção capaz de dialogar com o leitor/espectador, que sempre está atento às novas mudanças. “Olhar para uma imagem significa atentar para os detalhes que nos servirão de pistas para sua compreensão” (TOCANTINS, 2013, p. 61). Com isso, nessa pesquisa, procura-se investigar a presença de discursos em charges de internet, quais os dizeres que se cruzam quando se põe lado a lado duas imagens, utilizando para isso a memória.

Com exposto acima, organizamos nossa pesquisa em uma introdução e duas partes. Na primeira, retratam-se os conceitos de Análise do Discurso, Intericonicidade e Memória Coletiva. É discutido aí como a teoria da análise de discurso pode auxiliar na interpretação de textos que utilizam a linguagem verbal e imagética. Nesse momento da pesquisa, a charge é levada em consideração como sendo uma unidade textual em construção.

A segunda é a análise propriamente dita. Nesse momento da pesquisa, realizamos as investigações pautadas no fenômeno da intericonicidade, utilizando, para isso, os teóricos mencionados no Referencial. Nessa seção, usa-se a pintura a *Última Ceia*, de Leonardo Da Vinci, e uma charge de Benett. Também, ainda nessa seção, é posta em diálogo uma charge de Amarildo e uma gravura sobre a evolução do homem. As escolhas

das imagens e charges foram pelo fato de conter grande teor de discursos que se cruzam com outros por meio dos fatos históricos e da realidade política (atual) no Brasil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Análise do discurso e semiologia histórica

De acordo com Orlandi (2005), o discurso tem a palavra (o signo), mas em movimento. Será, pois, observado no discurso o homem com sua história, sua fala em movimento. As linguagens verbais e não verbais não se referem somente aos estudos semiológicos, mas também ao discurso, pois os tipos de linguagem têm significados e, ao discurso, segundo Orlandi (2005), compete analisar a construção dos sentidos no texto, levando em conta os sujeitos e as condições de produção.

Orlandi descreve:

Mesmo trabalhando com materiais não linguísticos, o semiólogo terá, cedo ou tarde, de tratar com a linguagem, não mais, necessariamente, no nível de unidades da língua como fonemas e monemas, mas agora no nível de fragmentos do discurso, unidades, pois, mais complexas que integram o mito, a narrativa, o artigo de imprensa e mesmo os objetos de nossa civilização. (ORLANDI e RODRIGUES (orgs.), 2006, p.111.).

A Análise do Discurso (AD) estuda entre outras coisas, as transformações sofridas pela linguagem ao longo dos tempos. Courtine (2011) afirma que quando Pêcheux falava das transformações das “línguas de madeira” em “línguas de vento” é entendido que os discursos não são imutáveis, sólidos, e sim que sofrem metamorfoses, e não só os discursos políticos, mas todos os tipos de discursos, pois um vai puxar o outro, e é nesse processo que a análise do discurso atua.

Gregolin (2007) destaca que o objetivo da análise do discurso é compreender os sentidos que os sujeitos, sendo seres participantes da história, realizam ao longo da trajetória histórica através da materialidade da linguagem. A autora também mostra que a produção dos discursos é selecionada e revisada, objetivando assim, um dizer em um certo momento.

No discurso, os sentidos se formam através da língua em constante movimento e na sua relação com a *historicidade*. O discurso se expressa linguisticamente por meio de

textos, isto é, o discurso se materializa como forma de texto. Orlandi conceitua discurso como:

[...] é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. [...] nos estudos discursivos não se separam forma e conteúdo e preocupa-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento. [...] um discurso é, então, constituído por muitas falas e muitos dizeres, que são determinados pelas regras de uma língua, pelo contexto histórico e por regras e convenções sociais. (ORLANDI, 2005, p. 15-19).

A charge, em seu interior, carrega vozes oriundas de muitos outros discursos. O contexto desse gênero textual é imbricado a outros contextos que se inscreveram na história. Assim, as informações desse gênero não podem ser ditas novas, uma vez que se ligam a dizeres existentes.

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...] Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 1997, p. 53 apud GREGOLIN, 2005, p. 16).

O que Gregolin revela, seguindo o pensamento de Pêcheux, é que um discurso, como o contido nas charges, por exemplo, estabelece relações com outros discursos. Os traços, as imagens e todas as outras características do contexto de uma charge têm como referência outros acontecimentos.

Observar os aspectos da charge pela corrente teórica da Semiologia Histórica é deixar de lado a ideia de que textos são somente palavras, pois para essa ciência os semiologistas estudam e analisam igualmente processos semiológicos não linguísticos (um ritual, um filme, um desenho, uma música, etc.). À Semiologia Histórica cabe atentar aos aspectos que se cruzam nas imagens e corpos. Courtine, quando retratava o discurso, dentro das perspectivas de Pêcheux, sentia a falta de uma teoria que pudesse identificar as memórias coletivas e individuais nas imagens. Isso mostra que a semiologia vai recuperar os dizeres das pessoas dentro das imagens, ou seja, uma leitura eficaz de uma imagem dá-se quando agrupamos os traços sociais e culturais nas falas dos sujeitos, que cabe à análise do discurso, e a relação do significado das imagens com a história, competência da semiologia histórica. Para Courtine (2011), a semiologia não está mais separada do

discurso, pois o autor acredita que o verbo está totalmente relacionado com o corpo, os gestos e as imagens.

De acordo com Courtine:

Os discursos estão embutidos em práticas não verbais, o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, a expressão pela linguagem conjuga-se com aquela do rosto, de modo que não podemos mais separar linguagem e imagem. (2011, p. 150).

Courtine (2011), em entrevista ao II Colóquio Internacional de Análise do Discurso (CIAD/UFSCar) percebeu nas pesquisas de discurso de Foucault, que um discurso político é mais que um texto, faz parte da história, pois as falas estão relacionadas com algum fato histórico que é retomado nas vozes de quem produz o discurso. Assim, as palavras quando atravessadas na história deixam de ser simples unidades linguísticas. Diante disso, a semiologia histórica encontra nos *corpus* de análise sua materialidade. Portanto, quando propomos a análise de charges, levamos em conta sua condição de produção, os sujeitos, mas também, a relação do contexto com a história, sua parte imagética.

Em suas pesquisas, Courtine atentou ao corpo e percebeu que as expressões realizadas pelo rosto são significativas. Suas análises se voltaram ao discurso político de Foucault e foi estudando esse autor que se deparou com o corpo. Desenvolveu, então, a *história do corpo*. Para Courtine (2011), nenhum traço deve ser negligenciado quando se quer analisar um discurso. O corpo, nesse viés, com sua metamorfose histórica, traz um conjunto de aspectos que, ao ser analisado, revelam muitos dizeres, e tendo a charge como *corpus* nessa pesquisa, é percebido que nesse gênero ocorre tudo o que a teoria estudada aqui vê num discurso. Logo, os acontecimentos envolvidos na charge se dão pela ligação que há com a história.

2.2 Intericonicidade e Memória Discursiva

A intericonicidade segundo Courtine (2011) diz respeito aos aspectos teóricos e metodológicos que dão sentidos para as imagens, fazendo elas se cruzarem por meio da memória. Ela representa uma possibilidade que aponta para a historicidade das imagens tanto em relação a seus traços formais quanto à repetição de seus discursos ao longo dos anos. Em outras palavras, ao confrontarmos imagens semelhantes podemos compreender sua relação com a história e quais os discursos que se cruzam nessas imagens.

Não há texto, não há discursos que não sejam interpretáveis, compreensíveis, sem referência a tal memória. Diria a mesma coisa de uma imagem, toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e essa cultura visual supõe a existência, para o indivíduo, de memória visual, de uma memória das imagens, toda imagem tem um eco. (COURTINE, 2006, p.57).

A noção de intericonicidade foi formulada por Courtine na época dos estudos do discurso no final dos anos de 1960. Para se compreender essa formulação de Courtine, é necessário atentar ao conceito de interdiscurso:

[...] o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante. (PÊCHEUX, 1997, p. 167).

Diante disso, para a compreensão das imagens, temos a memória como aliada. Ao vermos duas imagens, ativamos nossas lembranças e apuramos as informações que podem auxiliar-nos em tal análise. É nesse olhar que entra a charge. Para a leitura desse tipo de texto, somos levados a pensar e visualizar a história pela ótica da memória, logo, todas as informações não são novas, e sim retomadas.

Para que se tenha intericonicidade é importante que se passe da margem apenas da comparação entre as imagens. É necessário que se perceba os dizeres que se cruzam nas imagens, o que está atravessado nelas. Mas o analista só perceberá a intericonicidade se for capaz de ativar a memória, e os registros que se materializam na memória só são possíveis quando o analista/leitor possui um conhecimento de mundo, ou seja, já carrega informações que apreendeu durante seu percurso. No que tange a charge, quando se tem certo conhecimento de mundo, basta apenas uma observação nesse gênero para se estabelecer o cumprimento da memória, já que o novo não necessariamente é novo.

A memória discursiva, nesse ver, além do conhecimento que temos partilhados, o conhecimento individual também se torna importante. “Nossas lembranças permanecem coletivas que são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivermos envolvidos e objetos que somente nós vivemos” (Halbwachs, 2004, p. 30). Halbwachs revela que a interpretação se dará pelas nossas vivências que carregamos na memória, mas dessa vez, não mais apenas eu, mas o outro pode também retomar nossas

lembranças, pois há um coletivo. E essa coletividade se dá pelas práticas sociais que nos rodeiam, fazendo, assim, dos outros, produtores da nossa história. O autor afirma:

A memória dispõe de quadros bastante simples aos quais recorreremos a todo o momento para reconstruí-la. Nesse caso, a memória é uma noção que intervém tanto em nosso próprio pensamento quanto no dos outros. Essa forma de relação é um tipo de imposição. Assim, o fato de as imagens se ligarem umas as outras se dá na medida em que elas fazem parte de um conjunto de pensamentos, portanto, de saberes comuns a um grupo com o qual estamos relacionados em um momento dado de nossa história. (HALBWACHS, 2001, apud MILANEZ, 2013, p. 351).

Segundo Pêcheux (1999), o novo não está naquilo que é dito, mas no seu retorno enquanto acontecimento. Portanto, é a retomada de uma memória no embate com outras que vai produzir um novo acontecimento. Nesse pensar, a charge torna-se um recurso que traz à tona um problema, quer político ou não. Pois os sujeitos inseridos nesse gênero textual é uma referência a tal personagem – sendo política – de determinado cargo público. Nesse sentido, a construção de charges, tendo como personagens os governantes mais poderosos, torna-se um atrativo para as análises, pois esses são personagens aos quais suas histórias se ligam através dos eventos passados. E as imagens utilizadas são extensões históricas que criam um encadeamento seriado de imagens em torno de um acontecimento da história geral universal, produzindo efeito de atualidade. E nesse seio da memória, Magalhães afirma que

a charge é uma forma de registro crítico e opinativo da história imediata de um grupo social, a sua recepção pelo leitor depende da existência de uma memória social que é acionada no momento da leitura permitindo-lhe construir os possíveis sentidos para o discurso do qual a charge é portadora. (2006, p.54).

Para Foucault (2008, p. 96), o enunciado não é uma estrutura, é uma “[...] função que é preciso descrever agora como tal, ou seja, em seu exercício, em suas condições, nas regras que a controlam e no campo em que se realiza”. Foucault descreve que todo enunciado deve ser descrito agora, pois traz em si um dizer, e esse dizer, no passar do tempo, vai gerar outro dizer, devido às materialidades discursivas que se imbricam nele. Todo enunciado é composto das suas regras que o controlam, da disposição do sujeito que vive e do campo de conhecimento que realiza sua existência.

Somos cercados constantemente por imagens. Vivemos num mundo mais imagético que textual, e esses tipos de textos são atualizados com nossa memória. São imagens que evidenciam os credos, os estilos, a cultura e todos os nossos costumes. De acordo com Milanez (2013), todas essas lembranças podem ser apagadas, reinventadas, invertidas e compartilhadas pelo meio sociocultural-histórico, uma vez que é imposto sobre o outro a característica do outro ou quando os dizeres se cruzam. Se olharmos para a charge como recurso de comunicação e transmissão de informações, será possível recuperar toda uma história que está em nossa memória, logo a charge vai inter-relacionar-se com nossa memória, história e os acontecimentos ao nosso redor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Processo comparativo das imagens

A intericonicidade, como foi estudada no aporte teórico desta monografia, diz respeito aos discursos que se cruzam nas imagens. Discursos esses que são retomados através da memória. Coutine (2011) atenta para as imagens sem deixar de lado sua relação com outras imagens. Foi analisando o discurso nesses tipos de textos que percebeu que elas possuem ligações com outras imagens, e que são retomadas através da memória. O papel do analista, quando quer comparar duas ou mais imagens através da intericonicidade, é mostrar quais as ideologias que dialogam por meio das materialidades da linguagem. Para compreender essa complexidade, busca-se entender a análise do discurso que vai além da superfície, e retoma outras direções, isso implica na (re)construção de memórias da história de imagens. Entendemos que, segundo Pêcheux (1999), o novo não é o dito no momento, e sim o retorno enquanto acontecimento. Ao fazer uma leitura crítica de uma imagem, devo questionar quem está por trás dessa imagem, quem fala nessa imagem, que discurso se faz no enunciado, remetendo sempre uma associação do passado com o presente. Para as análises que serão feitas aqui, temos como pressuposto a afirmação de J. J. Courtine acerca da intericonicidade. “Essa ciência supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens que produzem os sentidos” (COURTINE, 2011, P. 160).

A imagem 9 é a pintura *A última Ceia*, 1495, de Leonardo da Vinci. Essa pintura retrata o acontecimento da Santa Ceia. Momento histórico que é retratado na Bíblia

Sagrada, especificamente no Novo Testamento, no livro de Mateus, capítulo 26, versículo 17 ao 30. O fato, segundo a Bíblia Sagrada, diz:

19 E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara, e prepararam a páscoa. **20** E, chegada a tarde, assentou-se à mesa com os doze. **21** E, comendo eles, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair. **22** E eles, entristecendo-se muito, começaram cada um a dizer-lhe: Porventura sou eu, SENHOR? (BÍBLIA Sagrada, 1993, p. 592).

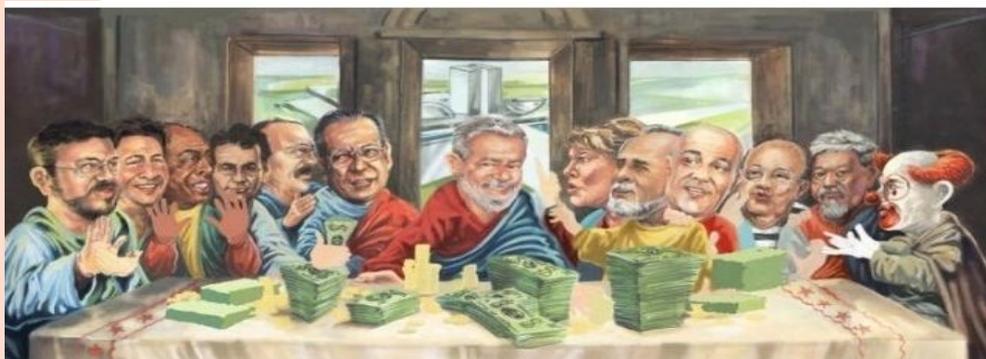
(Fig.1): Última Ceia, de Leonardo da Vinci



Fonte: www.infoescola.com

Como primeiro passo para análise, já possuímos um acontecimento que está imbricado na história, e que é retomado por meio da memória. Nesse quadro temos as figuras de Jesus Cristo ao meio e seus discípulos à esquerda e direita celebrando um acontecimento. A fim de criarmos um diálogo entre imagens, colocamos juntamente a *Última Ceia* a charge sobre o Mensalão, (imagem 10), do chargista Benett.

(Fig.2): Charge Mensalão e Última Ceia



Fonte: <https://chargesbenett.wordpress.com>

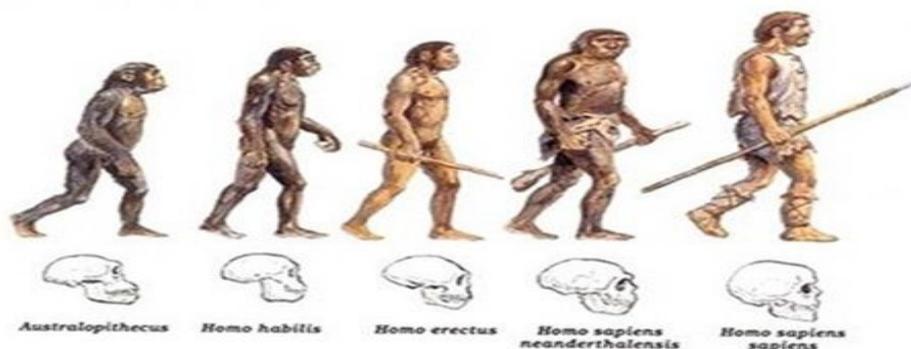
A possibilidade para a construção de discursos a partir das duas imagens só é possível através da retomada dos fatos históricos nos quais as imagens estão inseridas. “A noção de intericonicidade supõe a relação entre imagens externas, mas também entre imagens internas, as lembranças, as imagens da rememoração, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo” (COURTINE, 2011, p. 160). A charge referida acima retoma acontecimentos históricos, mas de forma distorcida da realidade vivida segundo a Bíblia. O distanciamento entre o Sagrado e o político se dar pelo exagero que os parlamentares detêm no contexto da charge. O dinheiro em cima da mesa, o riso exagerado nos rostos dos personagens da figura humorística cria um ambiente de ambição. Dessa forma, a charge retoma o discurso da *politicagem*, na qual a capital do Brasil, compondo o cenário externo da charge, é semelhante ao paraíso, que é retomado pelas montanhas que compõe o cenário exterior da pintura de Da Vinci. O dinheiro e Brasília revelam abundância.

O diálogo entre as imagens comparadas aqui é mais abrangente quando é retomado discursos do senso comum, como o contido em: “*não se pode misturar política com religião*”, recorrente no dia a dia de pessoas leigas. Tais discursos como esse se torna um fator de distanciamento entre discussões bíblicas e políticas. A possibilidade de produção de uma charge como essa se dar pela proximidade de uma reunião sagrada com uma reunião de parlamentares a fim de discussões pertinentes a um momento. E a possibilidade para articulação das imagens só é possível pelos indícios deixados pelos artifícios. É o que revela Courtine (2011):

Por meio da identificação, pela detecção dos indícios no material significante da imagem, dos traços que foram deixados por outras imagens, e pela reconstrução a partir desses traços da genealogia das imagens de nossa cultura que é possível a articulação das imagens. (COURTINE, 2011, p. 160).

Tomamos outro exemplo para melhor compreender o fenômeno da intericonicidade, postulado por Courtine. A imagem a seguir é uma gravura muito recorrente nos estudos de história, especialmente nas temáticas sobre a evolução do homem. A imagem retrata a evolução da espécie humana ao longo do tempo. É possível identificar nessa imagem os costumes e métodos de caça que os primitivos detinham para sua sobrevivência.

(Fig.3): Evolução do homem



Fonte: geografia-mundo-brasil.blogspot.com

Para Foucault (2008, p. 96), o enunciado não é uma estrutura, é uma “[...] função que é preciso descrever agora como tal, ou seja, em seu exercício, em suas condições, nas regras que a controlam e no campo em que se realiza”. Foucault nos deixa claro que um enunciado como uma pintura ou imagem têm proporções diferentes dos enunciados linguísticos. Não cabe, agora, ao analista observar somente o texto, pois dessa vez a imagem não se dissocia mais do verbo. Courtine cita que “os discursos estão embutidos em práticas não verbais, o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, a expressão pela linguagem conjuga-se com aquela do rosto, de modo que não podemos mais separar linguagem e imagem” (2011, p. 150).

Essa citação nos ajuda a observar nas imagens todos os traços possíveis de se relacionarem com outros na história, sendo retomado pela memória. Ao atentar-se a imagem 11, vemos a figura masculina posta como centralidade, postura sempre reta e em direção sempre à frente, explicando a evolução do homem. Temos aí um fato histórico: o papel do homem era caçar e proteger a família (o uso das ferramentas explica esse fato).

Para criar um diálogo entre imagens, foi possível relacionar à imagem anterior, a charge a seguir (imagem 12), de Amarildo, sobre o dia internacional da mulher.

(Fig.4): Charge sobre o Dia Internacional da mulher.



Fonte: blogdoamarildo.com.br

Nessa charge, temos uma sequência de ex-presidentes e a atual presidente Dilma Rousseff. O enunciado verbal “homenagem ao dia internacional da mulher” põe como centralidade a figura feminina. Percebe-se aí toda a elegância da mulher brasileira retratada em charge, que mesmo sendo distorcido da realidade, tem traços recorrentes à figura feminina: grandes curvas e salto-alto.

O fenômeno da intericonicidade nos oferece a possibilidade de relacionar os sujeitos em questão a partir do diálogo com a memória. E nesse diálogo (nessas duas imagens), vemos um choque entre as culturas, pois, enquanto na gravura acerca da evolução da humanidade, o homem era visto como centralidade da cultura, na charge de Amarildo, a mulher já toma esse cargo de chefe. O acontecimento novo a partir da charge dá voz à mulher e quebra a cultura do machismo. Logo, a intericonicidade dá suporte à análise através da lembrança e deslocamento. Deslocamento esse que faz apagar um discurso e criar um outro. Milanez afirma:

[...] o mecanismo da memória coletiva conta a possibilidade de um esquecimento dessa memória, que vai reaparecer em outros momentos, mas somente depois de ter passado por um processo de deslocamento intermediado pela posição dos sujeitos face a seu objeto e seu momento histórico. [...] qual seja um deslocamento de sentidos que partem da imagem em questão, conservando de certa maneira seus traços, mas apagando outras, de forma a produzir um novo discurso. A uma imagem sempre subsistirá a outra imagem. (2013, p. 351).

(Fig.5): Montagem



Ao serem postas lado a lado a imagem e a charge, cria-se um discurso sobre o papel da mulher na sociedade. A mulher que nos períodos pré-históricos era vista como dona de casa, agora ganha destaque. O acontecimento novo criado a partir das duas imagens postas em choque só é possível através da memória, pois é pela retomada dos acontecimentos históricos que o sujeito enquanto produtor infere que o fará avançar no tempo para investigações coerentes. “Dessa perspectiva, o que interessa não é o objeto em si, mas quem olha para aquele objeto, que posição assume e a qual tempo ele, o sujeito, está vinculado” (MILANEZ, 2013, p. 351). Ainda postas em choque as duas imagens, a figura da atual presidente do Brasil reforça discussões de que a mulher não precisa de armas para lutar, ou para se chegar a um cargo importante. O uso da feminilidade descrita pelo chargista deixa transparecer que são o corpo e a conduta as armas necessárias para se atingir interesses pretendidos.

Portanto, é por meio do fenômeno da intericonicidade que se cria um diálogo entre duas imagens. E só há possibilidades para a ocorrência de um diálogo como o ocorrido acima, quando há sujeitos que se inscrevem na história através da memória.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a conclusão da pesquisa, retomamos a dizer de Courtine (2011) de que toda materialidade é possível de ser analisada. Com isso, em um mundo mais imagético que escrito, não há dúvidas de que precisamos ser pessoas capazes de observar os acontecimentos com olhares mais apurados e, acreditando, que nada é por acaso.

Acredita-se que a pesquisa possibilitou o desenvolvimento de uma proposta investigativa na construção de sentidos do objeto em questão. Nesse processo analisado, obteve-se uma ampla compreensão sobre o discurso imbricado nos enunciados verbais e imagéticos. A retomada da historicidade e da memória se tornou importante para a compreensão do *corpus* de análise.

Ao se abordar esse gênero textual pelo viés da análise do discurso, abrem-se portas para uma visualização para o contexto em que a charge está sendo construída. Além de se observar as falas (discursos) que se cruzam e se imbricam nessa materialidade. Dessa forma, o leitor torna-se um expectador que questiona as ideologias que são passadas pela mídia, através da materialidade da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA Sagrada. 2. ed. **Revista e atualizada no Brasil**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

COURTINE, J. J. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Discurso e imagens: Para uma arqueologia do imaginário. In: PIOVEZANI, C, CURCINO, L, SARGENTINI, V. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011.

FLORES, Onici C. **A leitura da charge**, Canoas. Ulbra, 2002.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Formação Discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades**. Porto alegre, 2005. Disponível em: <http://www.uems.br> Acesso em: 25/09/2014.

_____. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Vol. 4. São Paulo: Comunicação, mídia e consumo, 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/>. Acesso em: 11 de outubro de 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. São Paulo, Centauro, 2004.

MAGALHÃES, Amarildo Pinheiro. **Sentido, História e Memória em charges eletrônicas sobre o governo lula: os domínios do interdiscurso**. Maringá, 2006. Disponível em: Acesso: 02 de outubro de 2014.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: **funcionamento discursivo da memória das imagens**. Paraná, Acta Scientiarum, 2013. Disponível em: www.periodicos.uem.br acesso em: 10 de outubro de 2014.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do discurso: Princípios e procedimentos**. 6. ed. São Paulo, Pontes, 2005.

_____. **Discurso e Leitura**. 9. Ed. São Paulo, Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. In: ORLANDI, E. P; RODRIGUES, S. L. (Orgs.) **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade**. São Paulo. Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

TOCANTINS, Raimundo de Araújo. **Mulheres indígenas no Facebook: corpos, intericonicidade e identidades**. Belém. Unama, 2013.